



A DESCONTINUIDADE DO TEMPO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO

Marcelo Silvano Madeira

Doutorando do Programa de Estudos
Pós-Graduados em Filosofia da PUC-SP
marcelosmadeira@gmail.com

Resumo: Diferentemente de outros filósofos, Charles S. Peirce adotou no interior de sua filosofia um elemento de aleatoriedade caracterizado pela categoria de primeiridade, que não somente descaracterizaria qualquer conceito determinista como, também, dificultaria a elaboração de qualquer conhecimento. Mas, o que deveria ser um elemento contraditório dentro de um processo cognitivo tornou-se um elemento heurístico na concepção de hábitos.

Palavras-chave: Primeiridade. Tempo. Pragmaticismo. Continuidade.

THE DISCONTINUITY OF TIME IN THE PROCESS OF KNOWLEDGE ACQUISITION

Abstract: *Differently from other philosophers, Charles S. Peirce adopted within his philosophy an element of randomization characterized by the category of firstness, which not only would distort any determinist concept as also hamper the development of any knowledge. But, what should have been a contradictory element within a cognitive process, became a heuristic element in the conception of habits.*

Keywords: *Firstness. Time. Pragmaticism. Continuity.*

* * *

Introdução

A questão a qual nos propomos tratar neste artigo visa esclarecer alguns aspectos relacionados à categoria de primeiridade, no que concerne à sua relevância no processo de aquisição de conhecimento, no interior da filosofia de Charles S. Peirce. Mais do que classificá-la fenomenológica ou ontologicamente, nossa intenção é apresentá-la como um princípio heurístico que permita ao pragmatismo conceber hábitos.

Esse propósito não se dá somente pela importante posição que essa categoria assume na própria filosofia de Peirce, mas, deve-se também à própria

construção do pensamento deste autor que, avesso às correntes deterministas que prevaleceram na história da filosofia, traz no interior do seu sistema filosófico um elemento fortuito proporcionado pela categoria de primeiridade, cuja importância é vital para a interpretação de uma filosofia que se propõe a conceber o mundo não a partir do ponto de vista do sujeito, mas sim do universo como oriundo de um princípio universal e genético. Deste modo, as questões que balizam nosso estudo são as seguintes: primeiro, em que grau a descontinuidade proporcionada pela categoria de primeiridade pode interferir no processo de aquisição do conhecimento? E, segundo, se essa interferência é possível, quais são os efeitos por ela produzidos? Dito assim, não pretendemos estabelecer o conceito de tempo, mas tomaremos apenas os modos temporais, a saber: passado, presente e futuro na maneira como estes podem ser associados às categorias fenomenológicas e na medida em que o processo de aquisição de conhecimento se dá no transcorrer do fluxo temporal.

1. Uma breve conceituação do tempo e a aquisição de conhecimento

Nossa abordagem se inicia em uma passagem do artigo *Issues of Pragmaticism*, publicado em 1905 no periódico *The Monist*, no qual Peirce faz a reformulação da máxima pragmática à luz de sua filosofia e definindo o tempo como "... único e **sui generis**. Em outras palavras, há um único Tempo." (CP 5.463) Assim definido, o tempo terá um papel relevante no processo de aprendizado, na medida em que a aquisição de hábitos se faz no fluxo temporal. Por conseguinte, seria necessário definir o conceito de tempo e quais características deste deveríamos destacar no processo de aquisição de conhecimento. Certos de que as considerações sobre o conceito de tempo estão amplamente dispersas na obra de Peirce, limitaremos nossa pesquisa a passagem transcrita abaixo, a saber:

Uma boa pergunta, para o propósito de ilustrar a natureza do Pragmaticismo, é, O que é o Tempo? Não se trata em atacar os problemas mais difíceis relacionados à psicologia, epistemologia ou a metafísica do Tempo, embora seja considerado, como ele deverá estar de acordo com o que foi dito, que o Tempo é real. [...] A questão a ser considerada é simplesmente, Qual é o propósito intelectual do Passado, Presente e Futuro? (CP 5.458).

Deste modo, destacamos o tempo como uma realidade geral e *alter* para qualquer consciência, aos moldes peircianos, caracterizando-o não só pelos três modos descritos acima, que permitem concebê-lo como contínuo, mas, também, pela concatenação de eventos passados e futuros apreendidos através da mediação feita pela consciência. Assim, enquanto real e contínuo, o tempo assume o papel da continuidade que possibilita a existência de todas as demais continuidades, como diz Helm: "Ele é o modo no qual as condições de possibilidade objetiva são exibidas no universo existente." (HELM, 1983, p. 182), isto é, tempo é a condição para que os *continua* se manifestem e, por se manifestarem, tudo aquilo que se deseja dar a conhecer terá de persistir nele e, para tanto, teremos de assumir outras duas modalidades, a saber: existência e generalidade. Como diz Peirce: "Deveremos supor naturalmente, é claro, que a existência é um estágio de evolução. **Esta existência** é, provavelmente, porém, uma existência **especial**." (CP 6.195) Assim, para Peirce, existir é persistir no tempo, o que implicará tanto em ser individual quanto geral.

Outro aspecto ao qual não podemos nos furtar em mencionar faz referência ao evolucionismo peirciano. A teoria evolucionista peirciana apresenta uma proposta *sui generis* na constituição do universo ao pressupor um mundo ideal submetido a um princípio evolutivo que dará origem ao universo material, tendo como ponto de partida um elemento fortuito, caracterizado pelo Acaso, que se torna, assim, o princípio diversificador responsável pela aleatoriedade do universo, embora destituído de rigor lógico ou a intencionalidade de uma lei. Segundo Silveira, “Peirce introduz, a revelia dos próprios evolucionistas, a presença do acaso como o elemento primordial na constituição do cosmos, procurando a partir dele compreender o aflorar da existência e o longo processo de desenvolvimento das leis.” (SILVEIRA, 2000, p. 132). No interior da filosofia de Peirce, esse princípio estará associado à categoria de primeiridade.

Aquilo que era potencialmente vago e indeterminado torna-se determinação naquele campo de investigação que Peirce denominou por teatro de reações e, como tal, ele entende não este mundo, mas qualquer mundo possível, no qual potencialidades indeterminadas possam se determinar e reagir umas com as outras, permitindo, desse modo, o emprego das categorias fenomenológicas na classificação dos fenômenos sujeitos à experiência comum no modo como estes se dão a conhecer. Diz Peirce: “Não precisamos supor que toda forma necessite, para sua evolução, emergir neste mundo, mas apenas que ela precisa entrar em algum teatro de reações, do qual este é um.” (CP 6.195). Assim, ao se inserir no teatro de reações, a potencialidade pura desse elemento primeiro se torna uma singularidade que rompe com a continuidade da lei.

O próprio evolucionismo já pressupõe uma mudança no ser, mas essa mudança só é possibilitada quando o *continuum* deixa de ser potencialidade e se transforma em ato no interior de um teatro de reações. A primeiridade enquanto possibilidade para o futuro rompe com qualquer causalidade estrita da lei. Enquanto potencialidade vaga, ela é contínua e geral. Ao tornar-se ato, o fenômeno revela-se como individual, exprimindo-se, assim, a existência como estágio da evolução que rompe com o contínuo temporal.

De tal forma, as respostas a tais questões nos levam, primeiramente, a fazer menção à primeira ciência concebida por Peirce na sua filosofia, ou seja, a fenomenologia. Por sua vez, não é novidade afirmar a fenomenologia como a base elementar do processo cognitivo no interior da filosofia de Peirce na medida em que esta estabelece categorialmente a classificação dos fenômenos a serem estudados pelas ciências normativas e pela metafísica.

Não é o intuito de este trabalho enfatizar e descrever cada categoria no interior da fenomenologia, mas destacar a base ampla que essa ciência proporciona à arquitetura filosófica do autor e, tal como as fundações de um edifício, ela solidifica e proporciona as bases comprobatórias das demais ciências que constituem a filosofia peirciana. Como dito acima, nossa intenção é associar cada modo do fluxo temporal com cada categoria.

Desse modo, a associação que se pode fazer entre as categorias fenomenológicas e os modos de tempo podem ser classificados do seguinte modo: o passado está associado à categoria de segundidade, pois é concebido pelo pensamento como “fato consumado”, tornando-se um elemento de alteridade, que não pode ser modificado.

Da mesma maneira que os eventos passados são apreendidos por uma consciência mediadora, a generalização desses fatos que compõem um pensamento mediador servirá como modelo conhecido para a mediação entre ideias semelhantes que constituem um conceito geral, sentimento de fluxo do tempo e experiência de aprendizagem que tendem para o futuro, como significados de uma cognição. De outro modo, a mediação feita pelo pensamento entre a experiência imediata relacionada com um fato bruto tem como resultado um terceiro elemento que se traduz numa regra geral, uma representação dessa mediação que é considerada como elemento cognitivo. Mas, esses eventos futuros não são eventos programados por uma relação determinística de causa e efeito, mas são submetidos ao princípio diversificador descrito anteriormente.

Por sua vez, a categoria de primeiridade está associada à modalidade de tempo presente. De maneira que, a primeiridade, enquanto distinta das demais categorias, é um fenômeno espontâneo e instantâneo, sua existência limita-se à sua duração em uma consciência de maneira que não há duas experiências de primeiridade semelhantes ocorrendo simultaneamente numa mesma consciência.

Se, ontologicamente, Peirce associou a categoria de primeiridade ao Acaso, na fenomenologia, ele associou tal categoria àquilo que ele denominou de *qualidade de sentimento*, que consiste numa experiência imediata de totalidade atemporal que rompe com o fluxo contínuo temporal ao surgir na consciência como algo percebido instantaneamente, sem qualquer mediação ou comparação.

O que interessa destacar aqui são algumas passagens sobre o conceito de primeiridade:

Na ideia de ser, a Primeiridade é predominante, não necessariamente em consideração à abstração dessa ideia, mas em consideração de sua independência. O mais predominante não é ser distinto das qualidades dessa Primeiridade, mas em ser algo peculiar e idiossincrático. O primeiro é predominante no sentimento, como distinto da percepção, vontade e pensamento objetivos. (CP 1.302).

Assim, a primeiridade distingue-se das demais categorias por ser ela aparte do tempo. Ela não possui uma duração específica, a percepção da primeiridade dura enquanto ela durar. Tal como o próprio nome diz, primeiridade representa a ideia daquilo que é primeiro, ou seja, não possui um antecedente que determine suas ações, manifestando-se, exteriormente, na diversidade da natureza e, interiormente, como sentimento, nem determina algo, o que caracterizaria assim sua espontaneidade.

Essa qualidade de sentimento é um fato incondicionado do fenômeno descontínuo do tempo. Embora descontínua temporalmente na consciência, como dito acima, a qualidade de sentimento possui uma continuidade indivisível. Diz Ibri:

Para a consciência que experiencia essas qualidades sem nenhuma mediação, em um estado meramente contemplativo, não há fluxo do tempo. [...] Este é um estado de consciência absolutamente mergulhado no presente. Tal estado da mente [...] é fundamentalmente heurístico [...] (IBRI, 2001, p. 71).

Assim, há dois modos de se compreender a primeiridade com relação ao tempo, a saber: primeiro, fenomenicamente, ou seja, como qualidade de sentimento, na qual a experiência direta torna-se uma ruptura no fluxo contínuo temporal,

durando o tempo que ela durar. O segundo modo ocorre ontologicamente quando o acaso adentra no teatro de reações, deixando de ser potencialidade, ao inserir-se nas coisas tornando-as diversas. Com isso, a compreensão da conaturalidade da qualidade de sentimento e do acaso só é possível através da cosmologia peirciana, que desconstrói os pensamentos deterministas que, como diz Ibri, “[...] gerariam incongruências dentro de um sistema que se pretende realista.” (IBRI, 2002, p. 50).

Anterior à experiência, a qualidade de sentimento é um mero poder ser, isto é, potencialidade passível ou não de realizar-se. A realização dela se dá através da forma de um fenômeno, particularizando-se num fato aqui e agora, independentemente de qualquer outro. A continuidade desse fenômeno no tempo é que dará origem a um hábito.

Por outro lado, podemos dizer que a importância dentro da experiência é quando ela se insere no índice, no objeto particular, dando-lhe o caráter de distinção àquele objeto na qual ela se insere, gerando diferença dentro da semelhança. A primeiridade gera a quebra da continuidade causal, isto é, ao se inserir no mundo como um elemento diversificador e estar inserida em cada objeto que se torna distinto dentro da semelhança, a primeiridade é o elemento que tende a romper um hábito em seu ser futuro. A primeiridade, quando se insere no objeto, acentua a diferença entre os semelhantes, ou seja, ela insere no mundo a heterogeneidade que rompe com a relação causal de uma lei ou hábito.

Deste modo a hipótese de descontinuidade no tempo objetivo é justificada pelo par acaso-qualidade, os quais representados pela categoria de primeiridade rompem com o tempo no instante presente, desvinculado de qualquer comparação com outro evento, o qual é percebido enquanto durar. A tendência à aquisição de hábitos é um processo instintivo, primeiro, que não requer fundamento, mas é algo que só percebemos quando o processo inverso é feito, ou seja, partimos daquilo que já está estabelecido e regredimos. Como diz Silveira: “A presença do descontínuo numa continuidade originária dá lugar, através do princípio de formação de hábito, a regularidades representáveis e progressivamente previsíveis pela lei.” (SILVEIRA, 2000, p. 137)

Deste modo, constatamos que o pensamento, ao fazer a mediação entre uma experiência imediata e um fato bruto, determinado em um limite de tempo e espaço, requer uma continuidade no fluxo do tempo, pois eles estão sintetizados numa regra geral no interior da mente. Assim, o pensamento não se separa do passado, já que é neste que ele buscará os fatos para suas generalizações e, é através da mediação dos fatos passados que o pensamento elabora a conduta futura.

O mais interessante da experiência de primeiridade é que ela consiste em uma experiência única, uma experiência de unidade na qual as barreiras que delimitam sujeito e fenômeno, observador e observado, são derrubadas. Não há distinções, é um momento contemplativo de total abandono dos juízos mediadores e preditivos, dos elementos causadores e da intencionalidade. Não há passado nem futuro, há apenas o instante presente que a constitui numa experiência psicológica baseada numa qualidade de sentimento. Essa experiência é instantânea, constituída na imediatidade do fenômeno, na medida em que ele aparece e se funde à consciência experienciadora, sem determinar a sua duração. Não se pode aqui falar do tempo, pois a experiência tipificada pela primeiridade se dá justamente na ausência dele, ou melhor, essa experiência de presentidade se ausenta do fluxo temporal durante sua ocorrência. Somente com o seu retorno ao contínuo do tempo

é que os juízos de mediação entram em ação, classificando os fenômenos sob a regularidade.

Ao apresentar-se como princípio diversificador da natureza, a categoria de primeiridade possui um aspecto de vital importância ao criar o rompimento de hábitos, permitindo que novos hábitos surjam, pois a formulação de um hábito não se limita somente à consciência humana, mas pertence à consciência da natureza que insere nas coisas não só a diversidade do acaso, mas o rigor da lei. É na experiência do mundo fenomênico que se comprova a realidade da coisa, pois é na fenomenologia que ocorre o desenvolvimento do conceito de experiência numa amplitude que envolve qualquer tipo de relação, seja de fenômenos interiores quanto de fenômenos exteriores em suas três instâncias categoriais, abarcando como um todo a experiência do viver.

Desse modo, a fenomenologia torna-se o alicerce da filosofia de Peirce, pois as sua tríade categorial não se limita somente a classificar o fenômeno no modo como ele aparece, mas no modo como essas categorias se refletem ontologicamente na metafísica peirciana. Assim, as categorias permitem que se desenhe uma estrutura simétrica em todo sistema filosófico de Peirce. Por outro lado, dentro da continuidade do tempo, a primeiridade rompe a continuidade desse fluxo contínuo ao inserir-se num teatro de reações ao se individualizar, isto é, tornando-se índice que remete a uma lei geral e contínua.

Ibri defende a ideia de uma relação simétrica entre as categorias fenomenológicas possibilitando não só a relação entre a fenomenologia e a semiótica, mas considerando que essa simetria percorre todas as instâncias da filosofia peirciana, tal como diz Ibri sobre as categorias:

Estas perpassam todas as ciências constitutivas do saber, sendo especialmente importante, sob o ponto de vista formal e constitutivo do entendimento das doutrinas de Peirce, a passagem de uma teoria das aparências a uma teoria da realidade, onde efetivamente se exibirão, indiferenciadamente, as mesmas *formas* categoriais. (IBRI, 2002, p. 47)

CONCLUSÃO

Assim, a fenomenologia apresenta a simetria entre as categorias através do seu aspecto genético, isto é, constituidor, além de estabelecer as condições para a fundamentação da teoria do *continuum* ou Sinequismo. A característica primordial da simetria categorial revelará, ainda, a importância delas para a dialogicidade da semiótica, como diz Ibri:

[...] a homogeneidade das categorias irá permitir que as formas sógnicas não estejam exclusivamente concentradas na palavra ou nas diversas expressões da linguagem humana. A dialogia semiótica fundar-se-á num comércio entre significado e realidade legitimado por uma homologia de formas. (IBRI, 2002, p. 47),

revelando, assim, a conaturalidade entre signo e objeto, mas numa relação em que o objeto determina o signo e não o contrário.

O princípio heurístico constituído na forma da unidade sintética não se dá através da unidade pensante do sujeito constituidor, mas se dá através da experiência de primeiridade ou unidade de consciência, na qual se exclui toda forma

de juízo, sejam eles perceptivos, mediadores ou preditivos, isto é, uma experiência em que se abole a noção do eu e se configura numa experiência de unidade, recorrendo tão somente à contemplação da qualidade de sentimento caracterizando, assim, uma descontinuidade entre passado e futuro (hiato no tempo), e a qual só se retorna ao fim dessa experiência, na qual o retorno ao juízo fará a comparação mediadora com experiências pretéritas e cujo resultado permitirá a comprovação da lei ou a construção de um novo signo. A experiência de primeiridade é presentidade:

Entender a passagem da unidade de consciência para a instância do juízo, e a dependência desta para aquela, requer que se mobilize todo o sistema teórico de Peirce sob o ponto de vista de uma *filosofia genética*. É nesse vetor que se situa a Primeiridade como sua origem e fundamento. (IBRI, 2002, p. 52).

Desse modo, a descontinuidade proporcionada pela categoria de primeiridade cria o repouso da consciência, de maneira que ela se livra do vício judicativo para experimentar novas formas de sentimentos ou possa efetuar novas experiências sobre outros sentimentos já experimentados. O retorno ao fluxo temporal e, assim, ao processo judicativo, traz novas formas de vivências, proporcionando o crescimento de signos ou a mudança de hábitos de conduta.

* * *

Referências

HELM, Bertrand P. The nature and modes of time. In: *The relevance of Charles Peirce*. Edited by Eugene Freeman. Illinois: Monist Library of Philosophy, 1983.

IBRI, Ivo A. A vital importância da primeiridade na filosofia de Peirce. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*. São Paulo: Educ/Angra, 2002. (nº 3, Nov. de 2002).

_____. *Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva, Hólon, 1992. (Coleção estudos; vol. 130).

_____. Ser e aparecer na filosofia de Peirce: O estatuto da fenomenologia. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*. São Paulo: Educ/Angra, 2001. (nº 2, Nov de 2001).

PEIRCE, C.S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. (Edited by C. Hartshorne and P. Weiss [vols. 1-6]; Arthur Burks [vols. 7-8]).

SILVEIRA, Lauro F. Barbosa da. Acaso, existência e lei num universo em evolução. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*. São Paulo: Educ/Palas Athena, (nº 1, Nov. de 2000).

_____. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.